

Caderno de Resumos da JOPELIT	Catalão	UFG	v. 1 n. 1	p. 13-20	2013	ISSN 2318-9789
-------------------------------	---------	-----	--------------	----------	------	----------------

## **A REPRESENTAÇÃO DE JERUSALÉM NO EVANGELHO DE MATEUS**

**Carlos Roberto da Penha**

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho analisaremos o livro de Mateus que por analogia traz uma idêntica representação da cidade de Jerusalém nos demais evangelhos Marcos, Lucas e João. Sendo que o Livro de Mateus, objeto dessa pesquisa encontra-se na Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida no ano de 1681). Utilizaremos para esta análise, a versão da Sociedade Bíblica do Brasil (SBB, 1999).

Tal narrativa Bíblica tem como personagem central Jesus que protagoniza atividade ministerial na região dos entornos e na própria cidade Santa, onde vem cumprir, segundo defende Marcos, o propósito do Messias esperado pelo povo judeu. Ele narra o episódio da entrada, atividades, prisão, morte e ressurreição de Jesus quando tinha 33 anos.

Nossa intenção nesta análise é mostrar as estratégias utilizadas pelo narrador na representação do espaço no enredo, verificando nesse as diversas produções ocasionadas pelos sentidos. Para tanto, iremos utilizar a perspectiva da toponálise que foi desenvolvida a partir das idéias de Bachelard, Iuri Lotman, Osman Lins, Oziris Filho, dentre outros.

### **Percurso Espacial**

Para a Toponálise, o percurso espacial é formado pelo encadeamento dos espaços presentes na obra. Desse ponto de vista, o enredo pode ser classificado em monotópico, por se passar em apenas um espaço, ou politópico, se ocorre em mais de um.

No caso da narrativa ocorrida em Mateus, temos um enredo politópico já que a trama ocorre na cidade de Jerusalém, “a filha de Sião”. Mais dois outros espaços

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1</b> <b>n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------------	-----------------	-------------	-----------------------

também são mencionados em seus entornos: As cidades de Jericó, Betfagé, espaços de acesso e, ainda, Betânia e o Montes Getsêmeni e, das Oliveiras. No entanto, é importante notar que os espaços de Betânia, Getsêmeni e Monte das Oliveiras aparecem apontando para o ponto culminante do enredo, mesmo que formando uma pequena fratura no mesmo. A cena principal se passa quase que integralmente na cidade de Jerusalém: “Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí vem, humilde e assentado sobre uma jumenta e sobre um jumentinho, filho de animal de carga.” (MT21:5). No seu primeiro ato em Jerusalém, sua entrada, é recebido como fora o rei Salomão pelo povo da então Jerusalém (1Rs 1:33) que para reinar é apresentado vindo sobre uma mula em via pública. Reportando esse mesmo ato, Jesus entra na cidade Santa “trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou”(MT21:7) como transcorre em seguida: “E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntaram: Quem é este? E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia.”.(MT21:10-11)No interior e exterior da cidade, passa Jesus pelo sacrifício que havia de passar, ora em lugares edificadas pelo homem, ora em lugares naturais. Pela tese estabelecida pelo narrador, outro espaço, o da última Ceia com Jesus antes de ser imolado, contribui com o propósito do Messias, que orienta os discípulos a irem à cidade “ter com certo homem e dize-lhe: O mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos.” (MT26:18). E, em seguida, instrui e cita outro lugar onde eles haveriam de tomar com ele, novamente, o cálice de vinho: “ E digo-vos que desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu pai.”MT26:29). Na sequência sai de Jerusalém, indo a outro lugar, o Monte das Oliveiras: “E, tendo cantado um hino, saíram para o Monte das Oliveiras”MT26:30. Ao final, ressuscitado vem ao encontro dele Maria Madalena e a outra Maria c. Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão.”(MT28:9-10)

Em se notando que os dois únicos espaços existentes são natureza e cenário, neste livro bíblico temos ambos, ou seja, construídos pelo homem (cidade de Jerusalém) e não construídos pelo homem, no entorno daquela Cidade (os Montes

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1 n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

Getsêmeni e das Oliveiras)

Basicamente, são encontrados duas maneiras de representação do espaço nessa obra, conforme a topoanálise: a realista e a fantasista, alternando-se, numa dinâmica estabelecida pelo cenário e natureza. Na primeira delas, o narrador toma por base espaços que realmente existem no contexto extratextual, citando lugares com forte efeito de realidade. Na segunda, aparecem espaços que não seguem as regras do mundo real.

Considerando as estratégias de espaço ( o Reino de Deus pela vinda de Jesus) utilizadas pelo narrador em prol dessa sua tese e os lugares realmente existentes (a Cidade Santa e seus arredores) podemos dizer que os dois espaços, nesse caso, são reais.

## **O Espaço da Narração e o Espaço da Narrativa**

Antes de analisarmos os espaços presentes em Mateus os quais mencionamos, torna-se importante de véspera que mencionemos a diferença que a topoanálise apresenta entre espaço da narrativa e espaço da narração.

Narrativa e narração são polissêmicas como bem assinalam Reis e Lopes (1988, p.58). Portanto, aqui tomaremos o termo narração como o ato de narrar e narrativa como aquilo que foi narrado. Outras linhas teóricas chamam a essa divisão de discurso e história. Por motivos didáticos, tomaremos essa diferenciação independentemente do tipo: prosa e verso, sendo que é esse o emprego de topoanálise em Borges Filho (2007, p.149). No nosso caso da prosa em estudo, há uma questão bastante interessante que é posta pela Topoanálise que é o fato de em relação à coincidência ou não entre o espaço da narração e o espaço da narrativa, teremos: espaço da narrativa coincide com o espaço da narração, ainda em Borges Filho (2007, p.150) . É o que ocorre em o Evangelho segundo Mateus, com a narração feita em terceira pessoa. Logo no início de nossa abordagem na narrativa, quando a espacialidade conduz o enredo às proximidades da cidade de Jerusalém, nos trechos MT20:29; 21:1-2; e 21:10 (esse último, também em Mc11:1-11; Lc19:28-40; Jo 12:12-15), o narrador hetero e intradieético, observador, onisciente e onipresente afirma o seguinte:

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1 n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

*Saindo eles de Jericó uma grande multidão o acompanhava. Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos. E, entrando em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? ( SBB,2009,p.897-898)*

Em relação ao espaço da narração Observa-se que o enredo acontecera simultaneamente ao tempo presente, portanto o tempo da narração é o mesmo tempo da narrativa. Isso sucede tal qual ao espaço. O espaço da narração e narrativa são explicitados como um só.

O templo, Betânia e o retorno à Jerusalém; A Ceia do Senhor, o getsêmani, o Sinédrio, ante Pilatos no Palácio, no pretório, no calvário, no sepulcro, as proximidades do sepulcro com orientação de Jesus que os irmãos sigam para a galileia.

### **A purificação do templo**

(Também em Mc 11.15-17; Lc19:45-46)

Dessa maneira, fica clara a importância para o topoanalista dessas relações entre espaço da narrativa e espaço da narração. Muitos efeitos de sentido são criados a partir dessas possibilidades e seria um erro não nos atermos a elas, assinala Borges Filho (2007, p.151), como notamos, a seguir:

*Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores. Vieram a ele, no templo, cegos e coxos e ele os curou. (Mt21:12-13-140)*

No trecho acima, quando o narrador usa o advérbio ali, ele indica o espaço da personagem. Por esse vocábulo, temos o espaço da narração coincidindo com o espaço da narrativa, uma vez que o narrador encontra-se no espaço em que narra, observando-o minuciosamente. Ainda sobre o narrador encontrado no trecho acima e o

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1 n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

espaço da narração e narrativa Borges Filho

(2007, p.157) afirma: O narrador nos apresenta o espaço da narrativa com abundancia de detalhes, mas nada diz do espaço da narração. Essa omissão reforça o caráter de objetividade que a narrativa em terceira pessoa possui. Quanto mais o espaço da narração aparece dentro da narrativa, mais subjetiva esta se torna.

Ainda nesse trecho, o espaço templo conduz por heterologia: a não harmonia espaço X psicológico da personagem, assim por despertar alguns sentidos no protagonista na cena. Enquanto que na narrativa havia de ser aquele lugar um espaço “chamada casa de oração”, provoca o inverso para a personagem, uma vez que, a seu ver, fora descaracterizado, sendo tornado para outra função. O efeito de sentido provocado em Jesus, que se não estivesse daquela forma o templo, mas em santificação para a oração, assim o sentido seria quanto à topopatia, uma topofilia, um espaço benéfico, construtivo. No entanto, apresentando o templo transformado em “covil de salteadores”, provocou em Jesus a oposição topofílica, ou seja, a topofobia, um espaço maléfico, negativo. Esses conceito de topopatia e sua subdivisão em topofilia e topofobia, encontramos em Borges Filho (2007, p. 157-158). Mostra-nos a importância da condução do enredo pela espacialidade, precedendo os acontecimentos, nesse caso, heterologicamente, se considerarmos a missão de Jesus na narrativa.

A Ceia do Senhor ( Também em Mc 14:22 -26; Lc 22:14 – 20).

Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa? E ele lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem e dize-lhe: O mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. E eles fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa. Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos. Enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu a seus discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isso é o meu sangue, o sangue da( nova) aliança, derramado em favor de muitos, para a remissão de pecados.

No âmbito da análise literária e, mais especificamente da topoanálise, a toponímia significa o estudo dos nomes, próprios ou não, dos espaços que aparecem no texto.

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1</b> <b>n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------------	-----------------	-------------	-----------------------

Inúmeras vezes o narrador usa esse processo para caracterizar o espaço e, por extensão, a personagem que nele atua.(...) Os topônimos estabelecem uma de três relações possíveis com o espaço: **semelhança, contraste ou indiferença**. Em primeiro lugar, quando o topônimo reforça ou expõe uma característica do espaço, teremos uma relação de semelhança. Conforme Borges Filho ( 2007, p.161-162). Observamos que o espaço da casa do homem procurado pelos discípulos, onde prepararam a Ceia a mando de “O mestre”, substantivo simples, não foi mencionado por acaso, já que tal nome, ainda que simples, apontava para uma autoridade, cujo espaço “mesa” a determinava “pôs-se ele à mesa com os doze discípulos”, ora discípulo é alguém a que se segue outro. Jesus, figura de governo, líder, evidenciado pelo nome e, suplantamente pelo espaço “casa” e “mesa”. Tais evidências conceitualizam essa importante estratégia textual utilizada pelo narrador que é, na literatura, chamada de toponímia, evidenciando Jesus, por semelhança com o nome “mestre” e lugar “à mesa”, propiciando o fluir dos acontecimentos em si.

### **Jesus no Getsêmani**

( também em Mc 14:32-42; Lc 22:39-46)

... Um traço topológico muito importante é a fronteira. A fronteira divide todo o espaço do texto em dois subespaços, que não se tornam a dividir mutuamente, isso de acordo com o russo Iuri Lotman (1978, p. 372). Portanto, no quesito fronteira (ou ausência de), nota-se nesse trecho, mesmo com o deslocamento das personagens de um espaço cenário casa para um espaço natureza montanha , tendo em vista que não há impedimento de trânsito das personagens de um para o outro espaço, então caracteriza-se o espaço como ausência de fronteira em que acontece um passar de uma espacialização Artificial para uma Natural e, “em seguida deitaram as mãos em Jesus e o prenderam” e o levaram a casa de Caifás, de volta ao interior da cidade de Jerusalém. O trânsito de volta do Getsêmani comprova ausência de Fronteira.

*Em seguida, foi Jesus com eles para um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima. Falava*

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1</b> <b>n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------------	-----------------	-------------	-----------------------

*ele ainda , e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais dos sacerdotes e dos anciãos do povo. Jesus porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam. E os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos. (Mt 26:36,46,47,50,57)*

Pode-se dividir a espacialização em três tipos: franca, reflexa e dissimulada. Lins (1976). Ainda sobre a espacialização no Getsêmani citado anteriormente, a espacialização é franca, pois acontece com narrador independente, em terceira pessoa e, por isso, heterodiegético, no entanto, vez por outra descreve um espaço da narrativa pela visão da personagem “assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar” a própria personagem descreve o espaço onde se transcorre a narrativa. Ao Ante Pilatos no Palácio, no Pretório, e em um lugar chamado Gólgota.

*Romper o dia, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem; e, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos. Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado! Logo a seguir, os soldados do governador levaram Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado. E, chegaram a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar de Caveira. Deram-lhe vinho com fel; mas ele provando, não o quis beber.*

*(Mt27:1-2, 11, 23, 27,31)*

Não se deve o estudioso do espaço, (...) ater-se apenas à sua visualidade, mas observar em que proporção os demais sentidos interferem. (LINS, 1972:92). Consoante tal afirmação desse estudioso da espacialização com base nos gradientes sensoriais o narrador relata no trecho bíblico acima primeiramente o sentido da visão sugerindo um espaço iluminado, porém fechado pois “entraram em conselho”. Em seguida, “Levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos”, translado em espaço aberto para

<b>Caderno de Resumos da JOPELIT</b>	<b>Catalão</b>	<b>UFG</b>	<b>v. 1 n. 1</b>	<b>p. 13-20</b>	<b>2013</b>	<b>ISSN 2318-9789</b>
--------------------------------------	----------------	------------	----------------------	-----------------	-------------	-----------------------

outro, fechado. O sentido gradiente sensorial de audição determina a posição dos interlocutores e o povo: “Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado”, indicando espaço semifechado, provavelmente uma estrutura coberta parecida com uma sacada, dentro, espaço englobado, e o povo em espaço provavelmente aberto, fora, espaço externo ao Palácio onde estavam Pilatos interrogando Jesus. Novamente levado ao espaço aberto, certamente pelas ruas, para ser crucificado. No Gólgota, identificado pelo narrador como “lugar de Caveira”, pelo sentido do olfato: “vinho com fel”, sendo recusado por Jesus que negou a morte, vencendo-a, pelo ressuscitar de sua morte que se seguiria.